

Fotografia: ver e ser visto no candomblé

Ivete Miranda Previtalli* e Syntia Alves**

Resumo

Do intercâmbio cultural dos escravos e ex-escravos africanos que foram para o Brasil e o contato com os europeus e povos indígenas da terra, surgiram as diversas modalidades de religiões afro-brasileiras, dentre elas, o candomblé, o batuque, o tambor de mina, o xangô, entre outras. O candomblé é a manifestação religiosa afro-brasileira eleita para este trabalho, mais particularmente os candomblés que estão fixados em São Paulo, na tentativa de observar a vivência desta religião na terceira maior cidade do mundo. A escolha se deu devido à relação que se estabelece entre uma comunidade tradicional como a do candomblé e o modo de vida "fast" numa metrópole pós moderna usando a fotografia como o elo entre a tradição da religião e a modernidade de São Paulo.

Abstract

Several forms of African-Brazilian religions arose from the cultural exchanges among African slaves and former-slaves shipped to Brazil, Europeans, and native peoples of the land. These religions are, among others, "candomblé", "batuque", "tambor de mina", and "xangô". The African-Brazilian religion chosen for this study is candomblé, more specifically the São Paulo-based varieties, in an attempt to characterize everyday life for this religion in the world's third largest city. The choice was due to the relationship established between a traditional community like candomblé and the "fast" way of life of a postmodern metropolis by photography, a bridge between the traditions of this religion and the modernity of São Paulo.

Tradição e modernidade

Numa sociedade de tradição oral como a do candomblé, na qual a palavra é o que leva ao conhecimento, a religião é um departamento importante da vida e não pode ficar despreendida do dia-a-dia das

* Doutoranda do Programa de Ciências Sociais da PUC-SP e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Relações Raciais, Memória, Identidade e Imaginário. E-mail: ogunilori@hotmail.com

** Doutoranda do Programa de Ciências Sociais da PUC-SP e pesquisadora do Neamp – Núcleo em Estudos de Arte, Mídia e Política da PUC-SP (NEAMP) e fotógrafa. E-mail: syntiaalves@yahoo.com.br

peças. O adepto do candomblé tem que viver o universo religioso constantemente e não apenas em datas festivas ou em culto semanais. A vivência que esta manifestação religiosa determina a seus adeptos inspira-lhes um ethos peculiar, que vai abranger a todos, independente de suas profissões, idade ou classe social.

Diferente das grandes religiões monoteístas, o candomblé não possui um livro sagrado para a transmissão de seus dogmas, sendo assim, as palavras são as fontes da força e da continuidade da religião. Por outro lado, ao mesmo tempo em que a comunidade do candomblé se organiza segundo uma tradição oral, ela também está inserida numa sociedade mais abrangentemente secularizada. Essa condição imposta pelo mundo contemporâneo pode parecer uma contradição, isto é, uma comunidade religiosa que se fundamenta numa tradição oral estar imbricada numa sociedade moderna que no processo histórico tornou tudo dinâmico e dessacralizado. Sendo assim, o que ocorreu é que a *experiência*, que é marcada pela tradição, isto é, algo que é passado de geração para geração, na sociedade secularizada foi substituída pela *vivência*. A diferenciação se dá pelo fato de a experiência estar sempre preocupada com o acúmulo de conhecimento, enquanto que a vivência diz respeito ao dia-a-dia. Assim, na modernidade tudo é sempre novo e sempre se transforma.



Fotos: Syntia Alves, *N'zo Inkossi Mokumbo ni Tata Congo dya Aruanda*¹.

Se, por um lado a modernidade acelerou os tempos e reduziu as distâncias gerando uma padronização que cada vez mais se universaliza, por outro a popularização da tecnologia gerou uma democratização de novas linguagens que foram introduzidas em muitas camadas da sociedade. Nas grandes cidades, a partir dos anos 30, a memória, tanto a individual quanto familiar, passou a ser construída tendo como base o suporte imagético. A fotografia veio contar às futuras gerações, ou mesmo àqueles que não presenciaram momentos importantes, cenas que merecem serem lembradas.

Mas o uso das fotografias é mais que isso: é a oportunidade de levar o vivido consigo, é o status de ser importante a ponto de ser imortalizado. E nisso se incluem os terreiros de candomblé da cidade de São Paulo que, mesmo mantendo seus costumes e suas tradições, incluíram como uma das marcas do seu encontro com a modernidade a

¹ Essas imagens registram os filhos-de-santo em uma grande festa de candomblé. São cenas de devoção dos adeptos, independente da cor, idade ou classe social. O que os diferencia é uma escala social do candomblé, que determina o local do filho-de-santo, que depende se ele é iniciado ou não e de quantos anos tem de iniciação e “obrigações” cumpridas.

importância da utilização das imagens fotográficas em suas festas. Da mesma maneira que agem outros grupos sociais, a vida dos filhos-de-santo e alguns dos acontecimentos importantes do candomblé passaram a ser registrados.

Atualmente, a difusão das tecnologias digitais facilitou e generalizou o uso da fotografia e de registros audiovisuais como forma de documentar os eventos nos terreiros, principalmente as grandes festas que passaram a ser registradas por adeptos, visitantes e pesquisadores. No caso da utilização destas imagens nas pesquisas acadêmicas, as tecnologias digitais promoveram uma eficaz interação entre a antropologia virtual e a antropologia escrita. Esses registros podem ser realizados pelo pesquisador ou encontrados nos livros de memória, diários e cartas. Muitas delas são imagens feitas pela “própria imagem” e que adquirem prestígio por causa do status que elas representam nos meios sociais do candomblé. A tradição oral e a fotografia se apresentam neste caso como linguagens distintas, mas que caminham juntas acompanhando a modernidade na qual tudo é acelerado e, por conseguinte essa pressa acaba por influenciar também o cotidiano do candomblé.

Disso nasce um impasse: a temporalidade, a oralidade, a mitologia, o velho em relação ao novo, a maneira de pensar no candomblé, parece se incompatibilizar com a maneira de ser da sociedade contemporânea causando desconforto e adaptações. Porém, o modo de viver “fast” no qual a internet e os meios de comunicações se impõe como padrão na cultura, e quanto mais é entronizado na vida moderna mais se torna uma mercadoria implacável. Parece que não há, portanto, maneira de sobreviver para aquele que não propagar suas idéias na velocidade exigida pela modernidade.

Mas, se por um lado no mundo moderno há a dessacralização da vida, uma racionalização generalizada da existência, por outro lado, em Salvador e no Recôncavo baiano parece haver uma resistência dos terreiros de candomblé ao fluxo da modernidade. Desta maneira as famílias e os espaços de muitos terreiros baianos, procuram se manter

como nas antigas “roças”² dos primeiros candomblés. Existem na Bahia terreiros de candomblé muito antigos, fundados por ex-escravos, onde muitas famílias moram na propriedade ou nas cercanias do terreiro, mantendo a vida cotidiana muito interligada com a religiosa.

Em pleno século XXI, esses terreiros parecem resistir às inovações da modernidade. Porém, podemos notar que o fato de o candomblé estar inserido numa sociedade moderna mais abrangente gera muitas dificuldades para o modo de viver tradicional desta religião. Conversando com uma mãe de santo³ de um tradicional terreiro baiano, ela mostrou o drama do aprendizado oral para pessoas que vivem numa sociedade em que tudo funciona no ponteiro do relógio. Esta sacerdotisa fez um depoimento, no qual relata: *“Perguntei outro dia para ‘fulana’, que é uma velha filha de santo da casa, como é que ela aprendeu cantar tantas rezas, e ela me disse que era lavadeira e que vinha sempre no axé e ouvia as músicas. Depois ia lavar roupa cantarolando o tempo todo. Como pode hoje em dia uma filha de santo aprender? Como é que ela vai ficar cantando em frente do computador?”*

Na metrópole, todos têm que trabalhar respeitando o horário do relógio. Desta forma, não é mais possível fazer as iniciações segundo a vontade do Orixá ou no cronograma do terreiro. Assim sendo, as cerimônias passaram a ser realizadas nos dias das férias do trabalho, nos feriados nacionais. Pelo mesmo motivo os dias necessários para as iniciações são encolhidos de acordo com a disponibilidade do neófito, nem sempre são raspados seus cabelos como manda a tradição e os filhos de santo aprendem as tradições de gravador em punho, com lápis e papel na mão.

Outro exemplo da modernidade que entra nos terreiros é no preparo das comidas. O processo continua artesanal e demorado, mas inicialmente as iguarias dos Orixás eram feitas, por exemplo, com feijão ou milho ralado na pedra, ingredientes que hoje podem ser adquiridos em forma de farinhas prontas provenientes de moinhos

² Roça: uma outra designação para terreiro de candomblé

³ Mãe Stela, mãe de santo do tradicional terreiro Opô Afonjá.

industrializados. Além de representar uma significativa mudança nos costumes do terreiro, tudo passou a custar mais dinheiro e as relações que antes eram muito mais familiares, hoje em muitos terreiros se tornaram muito mais comerciais.

Tudo na modernidade se converteu em consumo, conforto e sedução e isso também contagia o candomblé da metrópole. Embora ele tente resistir à modernidade, acaba por sucumbir perante ela com a finalidade de sobreviver, sendo assim hoje o candomblé está na internet, em sites que falam de orixás, inquisses e voduns⁴, em páginas que trazem fotos dos terreiros e dos deuses incorporados em seus adeptos. Existem pais e mãe de santo que jogam búzios pela internet, podendo estar consulente de um lado do mundo e sacerdote do outro, porém entrando em contato pela rede mundial de computadores. Há ainda programas de computador que fazem os jogos de búzios que são como os *Jack Box* dos cassinos, o cliente introduz sua data de nascimento, nome e quase que imediatamente tem a preleção do futuro e conselhos elucidativos para suas questões existenciais. Além disso, existem também as “comunidades” de candomblesistas e listas de discussões pelos quais os adeptos, simpatizantes e até pessoas de outras religiões trocam idéias e informações por meio da internet.

⁴ Orixás, inquisses e voduns: Nos ritos religiosos afro-brasileiros, como o candomblé, a umbanda, etc., personificação ou deificação das forças da natureza ou ancestral divinizado que, em vida, obteve controle sobre essas forças.



Fotos: Syntia Alves⁵

Seja pela entrada das câmeras fotográficas nos terreiros, ou seja, pelo ingresso dos terreiros na rede de computadores, não é de se estranhar que existam críticas dos mais conservadores às possibilidades mais dinâmicas e modernas do candomblé se propalar, porém não se pode negar que o candomblé está também na modernidade. Afinal, o candomblé é do mundo, e como estamos numa era de ambigüidades, enquanto os filhos são feitos nas casas mais tradicionais, dormindo em esteiras, tomando banhos na madrugada e tendo seus cabelos raspados, o lápis, o papel, o gravador e as câmeras entram nos terreiros mais modernos para auxiliar no aprendizado dos neófitos, que podem contar com estas inovações já que não têm mais a disponibilidade de outrora.

Fotografar os orixás: uma polêmica

Conforme José da Silva Ribeiro, coordenador do Laboratório de Antropologia Visual da Universidade Aberta de Lisboa, “A primeira função das imagens em antropologia foi (e é) documentar, isto é, criar

⁵ Imagens de mesas oferecidas para os Orixás Oxalá e Ogum. Todas as comidas são preparadas ritualisticamente pelos filhos-de-santo. Os alimentos exprimem as características dos Orixás que as recebe.

algo portador de informação que traz em si a inscrição e o registro de um acontecimento observável ou verificável”.

Acontece que a observação etnográfica nos terreiros de candomblé se dá lenta e cuidadosamente, pois a comunidade se acautela para que nem tudo possa ser visto pelo observador. Nem sempre a presença em cerimônias é aberta a todos, e em terreiros mais conservadores mesmo para aqueles que são “filhos”⁶ a presença nos ritos é restrita. Essa é a base do candomblé, isto é, o “segredo” faz parte da estrutura dessa religião e constitui a base primordial do poder, o que corrobora a idéia de Michel Foucault que pensa o duplo saber-poder⁷. Isso significa que aquele que detém o “segredo” pode realizar, por exemplo, as diversas etapas do processo de iniciação. A iniciação no candomblé é um rito de passagem constituído de inúmeras fases que para serem aprendidas, o aspirante a pai ou mãe-de-santo deverá estar presente em muitas dessas cerimônias, uma vez que é somente através da sua participação em inúmeras delas que será possível aprender o ritual.

É por intermédio do incansável ato de presenciar que se faz o aprendizado numa comunidade de tradição oral, e nesse contexto a fotografia, assim como o gravador e as filmadoras, que poderiam numa visão moderna serem auxiliares da obtenção de conhecimento, encontram muitos obstáculos por conta do caráter tradicional que o candomblé apresenta. Nos terreiros tradicionais de Salvador, nas épocas das festas públicas aonde os orixás “vêm” dançar e confraternizar com os homens, mesmo que possam ser vistos por todos aqueles que estiverem presentes, é proibido qualquer registro fotográfico por qualquer um dos presentes.

A imagem ao mesmo tempo em que fascina, gera desconfiança. Como pensou Beloff, a fotografia explicita uma mistura de informação, acaso, estética e intenção, e além da transmissão do fato, o que pode preocupar nos terreiros do candomblé é a possibilidade que a fotografia

⁶ Como são chamados os adeptos de um terreiro de candomblé

⁷ A relação saber/poder é recorrentemente trabalhada na obra de Michel Foucault.

tem de construir sua versão dos acontecimentos de forma viva e fascinante, mas também intencional.

A idéia de tornarem-se os “estranhos” e os fornecedores do “espetáculo” num mundo em exposição, não atrai os pais e mães-de-santo dos velhos terreiros baianos. Outra exposição visual que tem preocupado os adeptos do candomblé são as atuais conversões para modernas igrejas televisivas, principalmente a Igreja Universal do Reino de Deus que mostram filmes realizados em terreiros e associam seus conteúdos como obras do demônio. Essa deturpação da imagem dos orixás tem se tornado forte argumento para a não utilização das filmadoras e máquinas fotográficas nas festas públicas. Além disso, as mães e pais-de-santo desses terreiros tradicionais baianos não expõem com facilidade suas figuras para os que pouco conhecem, pois pensam que suas imagens podem ser indevidamente utilizadas para fortalecerem nomes de terreiros mais novos e de raiz pouco explícita, além de oferecerem, em caso de documentários, matéria que se não for bem interpretada, pode vir a prejudicar suas imagens perante a sociedade como um todo.

Mesmo com todas estas dificuldades encontradas nos terreiros tradicionais, Pierre Fatumbi Verger retratou as religiões afro-descendentes no Brasil, África e Cuba no seu consagrado livro *Orixás*. Embora seja proibida a entrada de filmadoras e máquinas fotográficas nos terreiros baianos mais tradicionais, Verger fotografou inúmeras manifestações de Orixás em terreiros do estado da Bahia e Pernambuco. Esse livro causou grande polêmica entre os adeptos do candomblé, pois o trabalho fotográfico mostra muitas cenas de iniciação em África, consideradas secretas pela comunidade do candomblé. Mesmo assim, essa importante obra de antropologia visual tornou-se o livro de cabeceira para muitos pais e mães-de-santo de São Paulo que, na sua maioria⁸, por causa da própria procedência histórica do

⁸ A menos que esses pais ou mães-de-santo fossem de origem nordestina, que neste caso já traziam em sua bagagem histórica a presença do candomblé que já era cultuado por alguém de sua família biológica.

candomblé paulista, não possuíam conhecimentos herdados de uma tradição apreendida de ancestrais africanos.

O desabrochar do candomblé em São Paulo se deu por volta dos anos 60 do século XX e a seu estabelecimento no espaço paulista coincidiu com uma efervescência cultural e de mentalidades no Brasil e no mundo, além de acontecer num momento de intenso processo migratório que atingiu a metrópole e levou para lá um significativo contingente de nordestinos. Se, com a diáspora, as religiões tradicionais dos africanos se transformaram por causa da interação com as diversas culturas que se encontraram no Brasil, no contexto metropolitano, segundo Bernardo: *“o jogo entre continuidade e ruptura, já existente no interior do candomblé, torna-se mais tenso ainda e, nesse movimento, ocorre a invenção. As tradições se fragmentam, as rupturas são infundáveis”* (BERNARDO, 1996: 114).

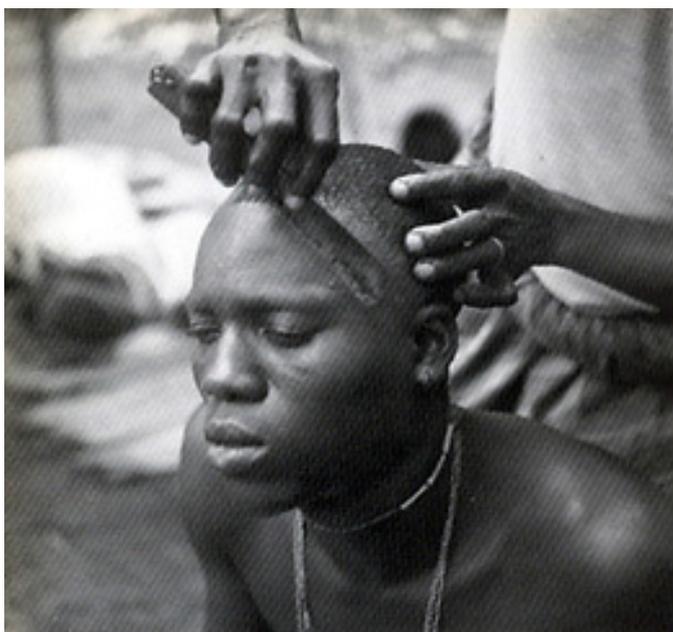


Foto de Pierre Verger: *Orixás*.



Foto Syntia Alves: Inzo dia Roxe Mokumbo ni Dandalunda⁹

⁹ A imagem retratada por Verger foi realizada num momento sagrado de um ritual de iniciação na África. Os rituais iniciáticos são muito semelhantes entre Brasil e África, porém no Brasil esse momento é muito reservado e proibido para aqueles que não tem o devido grau hierárquico. A segunda imagem foi feita numa festa pública de iniciação chamada saída de iaô. Apesar da proximidade estética das fotos, elas se diferenciam fortemente em um ponto: a imagem de Verger é um momento que no candomblé é

Contudo, a cultura depende de sua tradição, mesmo que esta esteja em permanente construção; desta forma, se há rupturas no candomblé paulista, também há continuidades. As ressignificações que se processam nos candomblés paulistas, dão-lhes nova face, porém não os priva de sua identidade. Na cosmopolita São Paulo, o povo-de-santo, conforme Bernardo, *“reinventa através de seus rituais a sua religião, introduzindo elementos da modernidade no seu interior”*. (Bernardo, 1998: 114)

Wagner Gonçalves, ao investigar o candomblé na pós-modernidade, numa metrópole como São Paulo, escreve: *“O candomblé na era do chip, os jogos de búzios em pleno Viaduto do chá no Centro de São Paulo, tanto quanto sacrifícios ainda realizados nas avenidas das principais cidades da África Ocidental ou de Miami, indicam que religiões mágicas e politeístas também podem se expandir e atuar em contextos nos quais já se dissolveram as antigas lealdades tribais ou rurais”* (Gonçalves, 1995: 32).

Hoje não há mais barreiras para os deuses que outrora pertenciam a um determinado grupo e afirmavam laços ancestrais. Na metrópole paulistana, negros, brancos, pobres, ricos, homens e mulheres podem ser do candomblé, ter manifestação de um Orixá, como se fazia anteriormente nas terras africanas, porém agora num outro contexto, que é o da modernidade.

Assim sendo, o candomblé de São Paulo não só permite como tornou importante a presença de máquinas fotográficas e filmadoras nas festas de saída de iaô¹⁰, nas confirmações de ebomi¹¹, entre outras. A fotografia está presente nos terreiros e testemunha a história de sua existência, além de encontrar nesse espaço a função que encontra em tantos outros que é o uso da imagem como ampliação de um momento que o terreiro quer deixar para a posteridade. Porém, as cerimônias

interno e secreto, já a imagem da direita é um momento público no qual a exposição é desejada, principalmente nos candomblés de São Paulo.

¹⁰ Apresentação pública do neófito.

¹¹ Ebomi: irmão mais velho, aquele que tem sete anos ou mais de iniciado e que já passou por uma cerimônia de confirmação.

iniciáticas ainda são preservadas das máquinas fotográficas, pois toda a comunidade do candomblé acautela-se para que cada terreiro mantenha essas cerimônias restritas a um domínio reservado; isto é impenetrável em virtude do mistério que as cercam. Contudo os candomblés paulistas nasceram numa sociedade industrializada, moderna, numa cidade em plena expansão econômica e cultural, e por isso não se permitem sucumbir perante aos apelos das idéias mais tradicionais. Para sobreviver acertam o passo e se deixam seduzir pela modernidade.



Fotos Syntia Alves¹²

Desta forma, quando o pesquisador filma, fotografa e grava entrevistas dentro de um candomblé, acaba por produzir um trabalho que possibilita a antropologia se armar com a evidência visual que irá além da constatação da existência do outro, pois revela também a alteridade. A utilização da imagem e seu emprego como forma de transmissão de conhecimento, no caso dos terreiros de candomblé de São Paulo, concretiza uma eficaz junção entre a antropologia visual e a escrita, possibilitando uma melhor sondagem do fenômeno.

¹² Imagens do terreiro em um dia de trabalho para os orixás: na foto da esquerda a filha de santo prepara a comida que será servida para o orixá. Na foto da direita, filhos desfiam folhas de palmeira que irão enfeitar as portas e janelas além de espantar os espíritos indesejáveis.

Na metrópole, os registros de imagem, sons e audiovisuais são sempre bem vindos nas festas públicas uma vez que popularizam o terreiro trazendo mais filhos e clientes. Do mesmo modo, quando um terreiro ou mãe-de-santo são escolhidos para serem sujeitos de um trabalho acadêmico é motivo de orgulho e publicidade.

Desta forma, o “candomblé da metrópole” abre muitas portas para o pesquisador que vem munido com as mais novas tecnologias digitais, e embora não vá registrar todos os momentos, conseguirá com as novas possibilidades que os candomblés da modernidade oferecem, ampliar os métodos tradicionais de pesquisa, e através da produção e análise das produções fotográfica elaborar um bloco de notas, extraordinariamente eficaz, além de tornar o trabalho muito mais atrativo.

Bibliografia

BELLOF, Halla (1985). *Camera Culture*. Oxford: Basil Blackwell.

BERNARDO, Teresinha (1996). “Tradição e Contemporaneidade”. In: *Simbologia - Tradição e mitos Afro-brasileiros*. Recife: Ed. Massangana.

_____ (1998). *Memória em Branco e Negro*. Olhares Sobre São Paulo. São Paulo: Ed. Educ, editora Unesp.

FOUCAULT, Michel (1997). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal.

GOLÇALVES, Vagner (1995). *Orixás da Metrópole*. Petrópolis: Ed. Vozes.

VERGER, Pierre Fatumbi (1951). *Orixás*. Salvador: Tipografia Beneditina Ltda.

RIBEIRO, José da Silva (2005). “Antropologia Visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação”. In: *Revista Antropologia*, vol. 48.
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003477012005000200007&script=sci_arttext
(consultado em 15/07/2007).